

# Esfinge em labirinto de espelhos

Annabela Rita

Far-off, most secret, and inviolate Rose,  
Enfold me in my hour of hours; [...]  
I, too, await  
The hour of thy great wind of love and hate.  
When shall the stars be blown about the sky,  
Like the sparks blown out of a smithy, and die?  
Surely thine hour has come, thy great wind blows,  
Far-off, most secret, and inviolate Rose?  
(William Butler Yeats)

In the earth beneath, and above  
In the heaven where her name is love,  
She warms with light from her eyes  
The seasons of life as they rise,  
And her eyes are as eyes of a dove,  
But the wings that lift her and bear  
As an eagle's, and all her hair  
As fire by the wind's breath curled,  
And her passage is song through the air,  
And her presence is spring through the world.  
(Algernon Charles Swinburne)

David Sassoli has been a gentle leader and a  
generous travelling companion.  
He believed in the White Rose to say that freedom  
is stronger than any dictatorship.  
(Francesco Occhetta SJ)

I still want to honour his memory with a white rose  
that was a symbol of his lifelong political and moral  
engagement.  
Buona strada, caro David.  
(Ursula von der Leyen)

As *Metamorfoses* (*Metamorphōseōn librī*, “Livros de metamorfoses”), de Ovídio, abrem o primeiro milénio e propõem-se como história do mundo, ‘enciclopédia da tribo’ (Havelock). Com quinze livros de poesia em hexâmetros dactílicos e antologando centenas de contos sobre o tema das metamorfoses nas mitologias grega e romana. Apesar da sua complexidade estrutural, estão ordenadas cronologicamente desde a criação do mundo até ao tempo da escrita, o reinado do imperador Augusto.

Annabela Rita, University of Lisbon, Portugal, annabela.rita@gmail.com, 0000-0002-1541-3006

Referee List (DOI 10.36253/fup\_referee\_list)

FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup\_best\_practice)

Annabela Rita, *Esfinge em labirinto de espelhos*, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.08, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 63-89, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

O tema consagrado em título sinaliza diversos sentidos: o de antologia de textos independentes organizados por ‘livros’ (um ‘livro dos livros’); o de uma história como processo dominado pela transformação ininterrupta; o de um género literário transmutando-se por via dessa transformação; o de uma natureza onde tudo se transforma, sem fronteiras entre os reinos animal, vegetal e mineral, a terra e os céus (Dafne torna-se loureiro, os seixos lançados por Deucalião tornam-se homens, Io transforma-se em novilho, Calisto em urso, Arcas e sua mãe volvem-se constelações, etc.), com a possibilidade de reversibilidade (a ninfa Syrinx verte-se em junco e, mais tarde, regressa à forma original). Com tudo isto, é a própria *metamorfose* que surge como *enigma existencial* encenado e narrado como tal e compreendido exclusivamente à luz dos poderes dos deuses e da magia da natureza, hesitante entre a transcendência e a imanência num mundo encantado onde as paixões são o principal factor de mudança. E aí começa a nossa história ocidental: no rapto de Europa por Zeus/Júpiter...

Édipo diante da Esfinge é uma equação que desdobra no par pergunta-resposta o enigma existencial. O enigma consubstancia-se nesse corpo questionador de natureza metamórfica, indefinida, híbrido, composto, inclassificável, misto de réptil, leão, ave, homem... em finisterra europeia e na sua homóloga africana.

Nesse episódio, temos a conjugação do *tempo longo* da *hominização* e do *tempo curto* da vida de *cada homem*, mas também a da relação entre eles e das diversas naturezas do híbrido. Uma Quimera. Como, de certa forma, aquele que nela se observa ou em que ela se observa: Édipo, também ele híbrido de 2 genealogias reais e suas circunstâncias, entre o destino e o desejo de o contrariar. Nessa especularidade, a cultura é o conjunto metamórfico dos pares pergunta/resposta em auto-reconhecimento: cada comunidade define a seu modo o que é, a natureza humana, as leis da vida e do universo. E é possível observar essa variação numa galeria sinalizadora da hermenêutica dos ciclos da história europeia: Prometeu (a hominização, o ser, o conhecimento), Ulisses (a aventura, o fazer, o encontro com a alteridade), Penélope (tecedeira do tempo, génese da narrativa), Fausto (o desejo, o pensar, o sonho de utópica distopia)<sup>1</sup>.

Dilacerada por guerras sangrentas e crises fracturantes, a Europa surge bem mais complexa do que essa Alice *no País das Maravilhas* e *no outro lado* do Espelho que Lewis Carroll nos oferece em busca de si: perdida no labirinto de espelhos em que se vê e se percebe a ser vista. Mais, também, do que as Vénus ao espelho de Vélasquez e de Rubens, que nos observam a observá-las, em *voyeurista* vertigem... a Europa perde-se no labirinto de espelhos da sua própria auto-reflexão.

Nesse labirinto, valer-me-á o fio de Adriadne que me levará, em rota ascensional de quatro etapas<sup>2</sup>, concluindo num *lieu de mémoire* mágico onde reencontrarei David Sassoli:

<sup>1</sup> Cfr., dentre outros, Moura 2013.

<sup>2</sup> Reconduzo para este texto fragmentos de reflexões que fui fazendo, inscrevendo-as aqui em jeito de *patchwork* convocatório de uma caminhada até ao encontro com David Sassoli. Por isso, evitarei indicar a origem desses meus fragmentos. Seja-me esse gesto acolhido como

1. EUROPA ao espelho dos títulos
2. EUROPA ao espelho das suas nações: ‘rosto’ português
  - 2.1 Miguel Real: o verbo *imaginante*
3. EUROPA em guerra
  - 3.1 ... sem Flauta Mágica
  - 3.2 ... e com um ‘sorriso enigmático’
4. No ‘Monte das Maravilhas’

#### 1. EUROPA ao espelho dos títulos

No mosaico instável dos títulos, podemos observar alguns traços e ações dessa protagonista-continente que nos leva como nau de Ícaro, de Loucos, de Noé... hoje, mais *jangada de pedra* (Saramago) atraída para o fundo. E Portugal é, dos velhos mapas à poesia, a sua camoniana ‘cabeça’ ou o pessoano ‘rosto’, um ‘pensador’ (Rodin) vertido em ‘Desterrado’ (Soares dos Reis, 1872), habitado pelo inferno e já não à porta dele (Rodin)<sup>3</sup>.

*Uma aventura inacabada* (Zygmunt Bauman) espelhada no *incipit* da sua ensaística, a Europa corporiza geograficamente a origem do Ocidente beirando o mar, respondendo à Esfinge que a fita do norte de África e observando o sol a declinar no horizonte. Entre os *extremos* (Hobsbawm), *dez monarquias* (Alberto Miranda) e os *novos príncipes* (José Filipe Pinto), os ideais (Eduardo Lourenço, Adriano Moreira) e as mesas de café (George Steiner), com fronteiras continentais instáveis, com *porta* na Ucrânia (Serhii Plokhly) ou expandida à Eurásia (Bruno Mações, Mohsen Milani, Igor Torbakov, Tetsuya Hiyama, Charles W. Hartley, Francisco Veiga, Vladimir Gel’man, Otar Marganiya, Mehmet Huseyin Bilgin), eventualmente, em função de placas tectónicas geopolíticas (Alexandros Petersen e S. Frederick Starr) ou como sua península (Glenn Diesen). Prometeica foi a sua contribuição para a *civilização* tal como a entendemos (Kenneth Clark), observando-se *aos espelhos das suas nações* (José Eduardo Franco).

*Da Alvorada à Decadência* (Jacques Bazun), da *ascensão* (Jack Goldstone, Anderson) ao *triumfo na razão, ciência e liberdade* (Rodney Stark), do *encantamento ao desencantamento* (Max Weber, Marcel Gauchet, Eduardo Lourenço, José Eduardo Franco) e à *queda* (Viriato Soromenho-Marques), das guerras à *união* (Churchill), a Europa-Ocidente viveu uma *aventura* espiritual (Jacob Bronowski e Bruce Mazlish, Rob Rieman), foi uma *ideia* (George Steiner) nascida dos sonhos e das visões (de Constantino a Afonso Henriques), organizada pela *religião cristã* (Paul Veyne, Tom Holland, Catherine Nixey), ‘decidida’ por deuses e protagonizada por heróis (Stephen Fry, Joseph Campbell, Neil Philip, Philip Wilkinson) reconduzidos aos dessacralizados super-heróis.

forma de estender no tempo a homenagem aqui pontual, num *alongamento* evocatório do que Camões verbalizou no soneto a Dinamene: *Opus Affettuoso*.

<sup>3</sup> As referências que se seguem (tópicos consagrados em títulos) evocam, entre parênteses, meros exemplos de autoria sem pretensão de exaustividade dos tópicos nem da bibliografia.

Foi uma aventura *conducente ao domínio* (Ian Morris, Tom Holland), desde os *reinos desaparecidos* (Norman Davies) às *nações* (Adam Smith, Renan, Benedict Anderson, Eric Hobsbawm, Patrick Geary, Guy Hermet) e aos *impérios* (Edward Gibbon, Eric Hobsbawm, J. Burbank e Fred Cooper), em progressiva globalização (Roger Crowley, John Darwin) *entre guerra e paz* (Raymond Aron), com *fronteiras* mutáveis e, progressivamente, *invisíveis* (Guilherme d'Oliveira Martins), mas, daí, a uma *deriva* (Slavoj Žižek), *encruzilhada* (João Rosa Lã, Bruno Ferreira Costa), beirando o abismo (Tony Phillips), até que enfrenta a sua *decadência* (Husserl, Niall Ferguson, Dambisa Moyo, Michel Onfray), *queda* (Kishore Mahbubani), *divisão* (Jürgen Habermas, Mark Lilla, Ian Kershaw), *desmoronamento* (Pierre Thuillier) ou *crise* (Paul Hazard, René Génon, J. Evola, Mark Sedgwick), auto-questionando-se (Philippe Nemo, Roger-Pol Droit) em *convivialidade* (George Steiner) ou em 'liquefacção' (Zigmunt Bauman), vislumbrando ou temendo o seu *fim* (Hervé Kempf, Francis Fukuyama), *morte* (Douglas Murray), naufrágio (Amin Malouf), *catástrofes* (Angus M. Gun) entre o *amor* que a dominou (Denis de Rougemont) e o *ódio* que lhe têm (Jean Ziegler), o *suicídio* (Jonah Goldberg) ou uma *estranha morte* (Douglas Murray), quebrado o *espelho* (Jean-Louis Vullierme), na vertigem do *colapso* (Robert Kurz, Jaret Diamond, John Casti, Dan Carlin, Viriato Soromenho-Marques)... como Prometeu (Eduardo Lourenço, Zigmunt Bauman, Vasco Graça Moura), ainda empunhando *O Fogo Primordial* (Andrés Ríos) para o dar aos (outros) homens, mas obtendo já deles uma imagem sua marcada pela fragilidade, velhice, depauperamento e impotência, que a faz regressar à velha questão da Esfinge em busca de novas respostas... *lieu de mémoire* (Pierre Nora, Steiner, Miguel Real) *em busca de si* (Rogério Martins, Marc Nouchi) e a *repensar* (José Eduardo Franco, Teresa Pinheiro, Beata Elzbieta Cieszyńska) por nós, *européus* a quem Miguel Real, dedica o *réquiem* de uma antecipação científica (*O Último Europeu*, 2015) e de um último grande amor (*O último minuto na vida* de S., 2007). A peça *Europa, Europa*, de Miguel Real e de Filomena Oliveira, recondu-la aos 12 trabalhos de Hércules fazendo-nos reflectir sobre as suas perspectivas actuais, como Manuel Sérgio assinala ou como Fausto simboliza, na perda da sombra e do reflexo onde o sentido histórico se condensa.

Agora, sob a *ira de Deus* (José Rentes de Carvalho), a Europa *adormecida* (Liz Fekete) beira, de novo, a *catástrofe* (Max Hastings) e, entre os seus *sonâmbulos* (Christopher Clark), alguns reclamam uma *Revolução Pós-Nacional* (Daniel Cohn-Bendit e Guy Verhofstadt), outros perguntam-se *se podemos salvá-la* (Thomas Piketty). *¡Europa, Europa!* (Hans Magnus Enzensberger), *quo vadis?*

Essa será uma história do mais óbvio, apesar da sua dimensão analítica e/ou teórica. Porém, nos interstícios dessa história ou sob a sua superfície (o *óbvio* dissimula o *obtusos*, segundo barthesiana expressão), outras se desenvolvem, oculta(da)s, secretas, às vezes, bem diferentes e contradizendo mesmo a versão oficial *mainstream* de alguns momentos, como rios subterrâneos de maior ou menor caudal. Narrativas sem a *contrafactualidade* e a *virtualidade* especulativa (Neil Ferguson) de função reflexiva e sem recurso à *Realidade Virtual* (*Virtual Reality* – VR) (João Fernandes Rainho Fernandes). Sob o signo da

*suspeita* (Stendhal, Nathalie Sarraute) e dos seus *mestres* na modernidade (Karl Marx, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche), a hermenêutica (Paul Ricœur) conduz-nos a outras leituras...

Uma reflexão sobre as *identidades comunitárias* reactivada no tempo do *colapso da soberania política* nacional (Potyara Amazoneida P. Pereira), da *engenharia do caos* (G. da Empoli), da desinformação, manipulação, pós-verdade, de corrupção, escândalos e legalidade sem ética, em jeito de *guerra pela eternidade* (Benjamin R. Teitelbaum), sustentada no imaginário colectivo adensado pela *tradição* da nação Europa e das suas nações com *mitos de origens* (Patrick J. Geary). Um regresso do tradicionalismo (René Génon, J. Evola) convocado nas brumas da memória colectiva: a história oculta, secreta, mística, sagrada ou... em que cada nação é face replicante do conjunto e em que cada narrativa integra ecos da velha e lendária cronística (cfr. Rita 2019). Da *alma secreta* da Europa (Charles de Habsbourg, Luc-Olivier D'Alange, Mark Valentine e John Howard, etc.) à das suas nações (António Vieira, António Telmo, António Quadros, Manuel J. Gandra, Paulo Loução, em Portugal; Claude Sosthène Grasset D'Orcet, Jean Markale, em França).

Um pensamento *contra o mundo moderno* (René Génon, J. Evola, Mark Sedgwick). Uma História alternativa, anti-, *contra-factual* ou *virtual* (Gerson Lodi-Ribeiro, Kahneman & Miller, Lipe, Niall Campbell Ferguson, Robert Cowley), *ocultada* (Marshall T. Poe) ou *secreta* (Jonathan Black), de *conspiração* (John Michael Greer, Michael Barkun, Robert Anton Wilson, Michael Newton, Kathryn S. Olmsted, Cass R. Sunstein, Robin Ramsay, Doug Moench) (cfr. Barkun 2003), *sinistra* (Peter Levenda), *sagrada* ou não (cfr. Bataille et al. 2017), numa espécie de *arquitectura do medo* (George Johnson). Uma existência ditada por *mão invisível* (Adam Smith) por trás de *sociedades secretas* (James Jackson, Philip Gardiner, Nick Redfern, Daniel Pineda, Arthur Goldwag, David V. Barrett) e *poderio mundial* (Noam Chomsky) de *governo invisível* (David Wise, Thomas B. Ross, Dan Smoot), anunciado (H. G. Wells), e caminhando, agora, para uma Nova Ordem Mundial (NOM) (de Gary Allen a George H. W. Bush), *concentradora da riqueza global* (Rhodes), de acordo com uma *agenda* (John Pilger, Michael E. Salla), um calendário<sup>4</sup>, processos (p. ex., o do controlo da mente, como defendem Marie D. Jones, Larry Flaxman, Harry G. West e tantos outros), e com algumas instâncias sinalizadas (Round Table, Royal Institute of International Affairs, Council on Foreign Relations, Clube de Roma, Grupo Bilderberg, Bohemian Club, Rhodes Trust, Comissão Trilateral, os G7, G20, etc.).

Uma sociedade em rede através de *linhagens* ocultadas nas sombras dos mitos (Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, Laurence Gardner, Lynn Sholes,

<sup>4</sup> Segundo alguns, a Nova Ordem Mundial está a ser implementada através de algumas iniciativas em cadeia: a formação do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos (1913); a Liga das Nações (1919); o Fundo Monetário Internacional (1944); a Organização das Nações Unidas (1945); o Banco Mundial (1945); a Organização Mundial da Saúde (1948); a União Europeia e o euro (1993); a Organização Mundial do Comércio (1998); a União Africana (2002); a União de Nações Sul-Americanas (2008), etc.

Joe Moore, David Vaughan Icke, etc.), de genealogias régias (James Tabor, Graham Simmans e Marilyn Hopkins) ou de origens estelares (Michael A. Cremona e Richard L. Thompson, Erich von Däniken, Zecharia Sitchin), com destacados *taumaturgos* (March Bloc), extraterrestres de outros planetas ou dimensões paralelas (como ‘Greys’) e intraterrestres de Terra oca (como ‘reptilianos’) explicadas em teorias da conspiração susceptíveis de ocupar enciclopédias (Thom Burnett) e de se distribuírem por diferentes secções (na Wikipedia, em 17) ou sites (O Evento, Toth).

Uma história onde também se prescrua a possibilidade de uma *ordem oculta de ciclos* (diversamente perspectivados desde Políbio, Ibn Khaldun e Giambattista Vico a Oswald Spengler, Pitirim A. Sorokin, Alexandre Deulofeu), com diferentes defensores no séc. XX (Nefedov 1999, 2002, 2003, 2004; S. Malkov, Kovalev e A. Malkov 2000; S. Malkov e A. Malkov 2000; Malkov e Sergeev 2002; Malkov et al. 2002; Malkov 2002; Turchin 2003; Korotayev et al. 2006, etc.), por vezes, associados a figuras ou modelos geracionais recorrentes (William Strauss e Neil Howe) ou a fases políticas (Arthur M. Schlesinger Sr. e Arthur M. Schlesinger Jr., Frank Klingberg).

Poderia continuar nesta *vertigem das listas* (Umberto Eco)...

## 2. EUROPA ao espelho das suas nações: o ‘rostro’ português

Ora, nessa imensa tessitura que é a cultura, diversos autores se evidenciam em *projecção espacial*, representando-se na e em função da cartografia da Europa e/ou do país que assim figuram. Em Portugal, eles constituem uma linhagem forte do nosso cânone literário. Portugal é, dos velhos mapas à poesia, a sua camoniana ‘cabeça’, o pessoano ‘rostro’ ou a sua ‘face oculta’ (Manuel J. Gandra), um ‘pensador’ (Rodin) com ‘projecto áureo’ (António Quadros) ou ‘templário’ (António Telmo, Freddy Silva) vertido em ‘Desterrado’ (Soares dos Reis, 1872). De ‘perfil’ (Miguel Torga, *Portugal*, 1950), em movimento (Almada Negreiros, *Histoire du Portugal par Coeur*, 1919, Saramago, *Viagem a Portugal*, 1983, p. ex.), em *sobreimpressões* do verbo (António Nobre, *Só*, 1892), etc. Camões e Pessoa tendem a verter-se no verbo dessa figuração, assumindo o segundo a função performativa instituidora de um novo ciclo (cfr. Rita 2016, 599-616). Mas passarei a destacar um autor actual, Penélope fundindo ensaisticamente o trágico, o lírico e o (anti-)épico: Miguel Real.

### 2.1 Miguel Real: o verbo *imaginante*

Miguel Real<sup>5</sup> é, para mim, um grande protagonista desse par de perguntas e respostas que nos definem. Não já apenas Édipo e a Esfinge, mas também, per-

<sup>5</sup> Autor recentemente homenageado com um ciclo de realizações em 2018-2019, com destaque para Colóquio Internacional *Miguel Real – Literatura, Filosofia, Cultura* (Universidade da Beira Interior (FAL- UBI, LabCom.IFP), Covilhã, 7-8/11/2018), <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcoloquio/>, e o Colóquio *Miguel Real – 40 anos de escrita: ensaio, ficção, &tc.* (Guarda, 4/10/2019), <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ciclodohomenagemMiguelReal/>> (12/22).

correndo as outras configurações, Eros e Psique, encenando o auto-reconhecimento nesse *Portugal – Ser e Representação* (1998): «E vê que ele mesmo era/ A Princesa que dormia» (cfr. Pessoa, *Eros e Psique*).

Na cena cultural, o ensaio *A Morte de Portugal* (2008) e o romance *O Último Europeu* (2015) insinuam uma espectralização da nação e da Europa numa mesma tragédia, envolvendo o par no *sudário* do verbo. E parece ser esse sentimento de iminência embebido de urgência afectuosa que move Miguel Real à realização do monumento para memória futura: a representação dessa comunidade (portuguesa) noutra inscrita (europeia), ambas varridas pelos ventos da globalização que lhes esfumam os contornos dos rostos e dos retratos tradicionais...

Inscrevendo Portugal na Europa e observando-lhes os imaginários, onde a noite progride, numa cedência do *élan* construtivo, empreendedor e luminoso ao entristecido, enlutado e desanimado sentimento que Albrecht Dürer configurou em *Melancholia I* (1514), de uma série crepuscular com *O Cavaleiro, a Morte e o Diabo* (1513) e *São Jerónimo no seu Gabinete* (1514). Um Anjo rodeado das insígnias do conhecimento e da técnica, desalentado de impotência, com um monstro alado ao fundo, desdobrando o título da gravura contra uma alvorada de utopia, quiçá, sinalizando algumas das ideias da *De Occulta Philosophia*, de Heinrich Cornelius Agrippa. Gravura da memória, da reflexão e do sentimento europeus. Apesar d' *O Princípio Esperança* (1954-59) de que o futuro será eticamente superior ao passado (Ernst Bloch)<sup>6</sup>, «espécie de santidade laica ao modo de Antero de Quental» (cfr. Silva 2017). Nesse Anjo, podemos vislumbrar uma das faces de Miguel Real pensador e esteta...

Na *representação*, eis que vemos o discurso entretecendo o complexo. Cartografia e geometria informam o levantamento sistemático da tópica da nossa identidade cultural: os temas são identificados, descritos e organizados em constelações. A arqueologia embebe o histórico de cada um e a perspectiva antecipa desenvolvimentos de cada um e das suas relações. A perspectiva torna reconhecível o *lugar de observação*, o de Miguel Real, confere reconhecibilidade à sua *impressão digital*.

Tudo isto explica o gesto autoral em que confluem, fusionalmente, o projecto histórico, o ensaístico e o literário, numa gemelaridade dominada pela *hermenêutica do outroragora* que nos constitui. E tudo isso explica que o próprio historiador se constitua como ensaísta para *compreender* e *fazer compreender* a complexidade do real e romancista para defender com as malhas da imaginação

<sup>6</sup> Sobre esta obra, disse Michael Löwy: «Ninguém jamais escreveu um livro como este, fundindo em um mesmo sopro visionário os pré-socráticos e Hegel, a alquimia e os contos de Hoffmann, a heresia ofita e o messianismo da Shabbatai Tsevi, a filosofia da arte de Schelling e o materialismo marxista, as óperas de Mozart e as utopias de Fourier. Abramos uma página ao acaso: trata-se do homem da Renascença, do conceito de matéria em Paracelso e Jakob Böhme, da Sagrada Família de Marx, da doutrina do conhecimento em Giordano Bruno e do livro sobre a reforma do entendimento de Espinoza. A erudição de Bloch é de tal modo enciclopédica que raros são os leitores capazes de julgar, com conhecimento de causa, cada assunto desenvolvido nos três volumes do livro» (Löwy 2013).

o que não pode afirmar nos/sobre os vazios ou enigmas da História, motivação por muitos assumida. Ensaísta que não hesita em assumir a sua emoção, como quando opta por lançar a obra *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa (1949-1997)* (2008) no dia de anos do autor de *Labirinto da Saudade* e de *Portugal como Destino*, gesto de homenagem afectiva (cfr. Martins 2008).

Se elaborássemos o retrato de Miguel Real, teríamos de o decompor numa *côterie* evocadora da pessoana ou de quadros como o de Richelieu (c. 1640), por Philippe de Champaigne, que o mostra de frente, ladeado pelos 2 perfis (cfr. Champaigne 1640), ou o de Charles I (1635-1636), por Van Dyck (1635), ou o de Goldsmith (c. 1530), por Lorenzo Lotto (1525/1535), o do misterioso pintor barroco Johannes Gumpff (1646) ao espelho e a pintar-se (cfr. Gumpff 1646) e tantos outros. Melhor ainda, ocorre-me essa espantosa *Alegoria da Prudência* (1565-70) que Ticiano encimou com a frase *EX PRAETERITO / PRAESENS PRVDENTER AGIT / NI FVTVRA(M) ACTIONE(M) DETVRPET* (*Sulla base del passato / il presente prudentemente agisce / per non guastare l'azione futura*), associando as três idades do homem (juventude, maturidade e velhice) e a sua própria identidade familiar (Ticiano velho; seu filho Horácio, morto pela peste no mesmo ano que Ticiano; o primo e herdeiro Marco Vecellio) e a simbólica heráldica tricéfala da Prudência (lobo, leão e cachorro) (cfr. Tiziano ca. 1550).

Mas... tenta-me, também, a aproximação a um dos mais famosos autorretratos da pintura americana: o de Norman Rockwel, de 1960 (cfr. Rockwel 1960), que se representa num 'Auto-retrato triplo' no Norman Rockwell Museum. Não é apenas a perspectiva que diverge, não é a idade, mas os pormenores: no espelho, tem óculos enevoados para, alegadamente não se ver bem e manter o bom humor... no quadro que pinta, e onde está sem óculos, pregou, no canto superior direito, autorretratos de mestres (Albrecht Dürer, Rembrandt van Rijn, Vincent Van Gogh e um Pablo Picasso), suas referências na Pintura, no canto superior esquerdo, uma folha com diferentes esboços de autorretratos conceptuais previamente partilhados com editores seus. A variante é a versão em que se vê diferente e se pinta outro (cfr. Rockwel 1960).

Enfim, no caso de Miguel Real, eu diria que a *apresentação* da sua *representação* da cultura nacional deixa perceber, ofelicamente dissimulado, o seu próprio *rosto* (auto-representação), identidade inequívoca.

No seu trabalho, a investigação condu-lo a uma apresentação hierática, sistémica e sistemática, num esquema analítico que tipologiza, enumera, cronogramatiza, historiciza e descreve. A ambição é totalizadora, de exaustividade e classificação, como é visível, p- ex., nos *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) ou no *Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010* (2011). As listas da sua classificação demonstram-no.

Ao erguer esse edifício, Miguel Real aspira a um *além* e *aquém* dele: à vibração humana e especulativa, à *imaginação do real*.

No segundo caso (aspiração especulativa), o verbo ensaístico ergue-se numa perspectivação aérea que re-apresenta, sistematicamente, o panorama do ponto de vista de um longo curso que o excede e de uma semantização que o torna compreensivo. São as grandes sínteses e são as *Novas Teorias (do Mal, 2012, da*

*Felicidade*, 2013, *do Sebastianismo*, 2014, *do Pecado*, 2017) revisitando lugares da nossa tópica cultural, o nosso ‘Palácio da Memória’, reequacionando-os e promovendo uma revisão cartográfica e arquitectónica (*O Futuro da Religião*, 2014), quiçá em direcção a uma Nova Europa, onde a disforia dos ‘Cidadãos Dourados’ espregueia em 2284 em catastrófica disforia (*O Último Europeu*, 2015).

Nessa tapeçaria imensa, temos os pontos de partida e os de chegada, num vai-e-vem de hipertextualidade permanentemente reenviado de grande angular (*Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017) para panorama (*Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*, 2011) ou grande plano (com o Pe António Vieira ou Eduardo Lourenço) ou zoom (muitas vezes ilusório, como *O último minuto na vida de S.*, 2004). E podemos pressentir um *notturmo* ritmando um ciclo de enlutado dramatismo concluindo em jogo de espelhos do seu verbo sobre contemporaneidade: d’ *A Morte de Portugal* (2008) e d’ *O Último Europeu* (2015) ao *thriller* de amor & morte em convulsionado *último minuto de S.* (2007), signo-sinal de um *fim da história* nacional onde ecoam outros (*O Fim da História e o Último Homem*, 1992, de Francis Fukuyama, é evocação inevitável).

No primeiro caso (aspiração humanista), o verbo *humanizador* ergue a ficção no cenário do *Romance Português Contemporâneo* (2012), elaborando os dados numa nova, vívida, vibrante e casuística realidade, a romanesca: o Pe. António Vieira emerge feito pel’ *O Sal da Terra* (2008), como o génio da lâmpada da letra que o historiou (*Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa*, 2008), da mesma forma que *O Deputado da Nação* (2016) se gera nas dobras de *Portugal: Um País Parado no Meio do Caminho 2000-2015* (2015) e o *Cadáveres às Costas* (2018) floresce da letra de *Fátima e a Cultura Portuguesa* (2018), para não mencionar outros. A rigidez de um pilar historicizante, *esfumado* (Leonardo da Vinci) pela deriva ensaística, ambos embebendo as águas caudalosas do rio e dos afluentes da efabulação.

Em busca d’ *A Vocaçao Histórica de Portugal* (2012), o nosso autor oferece novas páginas ao que cartografa no seu *Romance Português Contemporâneo* (2012): do passado ao presente europeu (*Carta de Sócrates a Alcibíades Seu Vergonhoso Amante*, 2010) e nacional (*As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia*, 2019, *A Ministra*, 2009, *O Deputado da Nação*, 2016, *Cadáveres às Costas*, 2018) e ao itinerário lusófono além-mar até ao oriente (dos Brasis de *O Sal da Terra*, 2008, *Memórias de Branca Dias*, 2009, *A Guerra dos Mascates*, 2011, *A Voz da Terra*, 2012, até ao oriente d’ *A Cidade do Fim*, 2013, e d’ *O Feitiço da Índia*, 2016).

Miguel Real ensaia, assim, uma *nova demanda*, não já a do mítico Prestes João de outrora, mas a sua, de *um Portugal para além de si* (*Portugal – Ser e Representação*, 1998) e da sua morte (*A Morte de Portugal*, 2008), (cor)respondendo a um *país suspenso* (*Portugal: Um País Parado no Meio do Caminho 2000-2015*, 2015) e em auto-questionamento (*Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*, 2011). *Demanda* de um *insight* do que, nas suas palavras,

Não direi pessimismo, direi inquietude, alguma ansiedade e uma instintiva desconfiança do poder não escrutinado das nossas elites, mais desejosas de auto-enriquecimento do que do bem comum. A nossa história tem sido

excessivamente singular, tecida de heroicas proezas e horrendas misérias, e a nossa mentalidade não se consegue fixar num fio condutor da história que só nos orgulhe ou nos torne indiferentes ao passado. A história de Portugal é um sugadouro de mitos que nos embevecem - veja-se Fátima, com Nossa Senhora a privilegiar-nos como povo - ou nos horrorizam - o que estava escondido atrás dos “brandos costumes” de António Ferro - e a história escandalosa da nossa participação na mercantilização da escravatura. Não podemos cair só para um lado. Para um Camões, há sempre muitos Pêro de Andrade Caminha; para um Bocage, há sempre inúmeras “moscas” que o denunciam a Pina Manique; para alguém curioso, havia inúmeros “familiares” do Santo Ofício; para alguém que se destaque no país, há sempre uma multidão de cidadãos resignados que o invejam (Silva 2017, [s.p.]).

O princípio sistémico também tece de *metonímia particularizadora* o trabalho de escrita do nosso autor: a ensaística opera por *tempo longo* (as grandes sínteses como *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017) e *tempo mais restrito* e, dentro deste, recorrendo a protagonistas que constituem a galeria das nossas referências (*Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa*, 2008, p. ex.)<sup>7</sup> ou a momentos especialmente significativos (*O último minuto na vida de S.*, 2004). Acresce que certos modelos também embebem a sua obra: a *lusofonia* é ficcionalmente elaborada num roteiro que Carla Luís tem perseguido tão bem, mas que outros também têm abordado.

O *verbo* aspira a re(a)presentar-se, a «engravidar» (expressão de Miguel Real em prefácio ao meu *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário*, 2018) de *imaginação*, rompendo a pose hierática da História.

O Romance Histórico vive o drama da vida e morte do original e da imagem, gera-se no luto dos desaparecidos, recusando a frieza da História e buscando a humana emoção nos interstícios desta e no sombreado que a acompanha. Vibra de ficção afectuosa, explorando a psicologia, adensando factos, subtilizando e intensificando sentimentos, complexificando situações, dotando de ‘carne’ os ‘esqueletos’ de histórias (para usar uma expressão camiliana) (cfr. Castelo Branco 1984). Espécie de trepadeira que, enroscando-se nas varetas da História, floresce, metamorfoseando irremediavelmente retrato e memória do original.

Plínio, o Velho, conta que Cora, filha do oleiro Butades de Sicião, esboçou numa parede o contorno da sombra projetada pelo rosto do seu amado, que partia para longe, procurando, desse modo, manter a sua presença-memória. *Opus affettuoso*, mas este é ainda e só o domínio da *silhueta*. A seguir, a história continua, desliza para a Arte da Modelagem, no capítulo “Os inventores da arte de modelar” (cfr. Plínio o Velho *apud* Bostock 1855): Butade teria preenchido o contorno com barro, que cozeu, e este teria sido o modelo conservado durante séculos no Santuário das Ninfas, em Corinto, até à destruição da cidade por

<sup>7</sup> Dos quais, os mais relevantes serão: Marquês de Pombal (2005); Eça de Queirós (2006); Agostinho da Silva (2007); Eduardo Lourenço (2008); Padre António Vieira (2008); Matias Aires (2008); José Enes (2009).

Lúcio Múmio (séc. II a.C.). A *silhueta* volumetizou-se, *corporificou-se*, mas ainda permanece imóvel, petrificada em pose de um instantâneo desvitalizado.

Pairando e embebendo a História e a sua matéria, o já evocado Anjo da História (Walter Benjamin, 1992), que António Cândido Franco concebe como espírito com vocalizações transversais à sua ficção, e que é reconhecido por Benjamin no *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee (cfr. Benjamin 1987, 226), como estarecido com trágico passado.

Fascinado, positiva ou negativamente, pela matéria que ficcionaliza, o discurso do romance histórico vibra do luto do real, da aspiração à hipótese que ele favorece sem confirmar e da consciência da sua própria dimensão de delírio racionalizado. Luto, desejo e consciência confundidos na letra fascinada e ficcionalizadora. E Miguel Real torna-se a nossa Cora.

O exemplo mais acabado desse voo imaginativo é *O último minuto na vida de S.* (2007), de múltipla vibração, que inscreve num sincopado e trágico minuto a tragédia de um amor e de um país, desaguar do ciclo de amor e morte que atravessa a nossa cultura, reiterando-se nela: desde D. Pedro e Inês de Castro, passando pela *Menina e Moça* (1554) à beira-mágoa do tempo, chorando o rouxinol em queda, e pela sua homóloga garrettiana Joaninha (*Viagens na Minha Terra*, 1846), de verdes olhos e desvairado amor, perdida na loucura do tempo até que Junqueiro a reequaciona nesse Doido de uma *Pátria* (1896) alienada que crucifica em cena sinalizando a 3.<sup>a</sup> Idade, do Espírito Santo, arturiana, sebástica... trauma abalando um país em ciclo pós-revolução dos cravos (Eduardo Lourenço, mestre e dedicatário de Miguel Real, menciona 3 grandes traumas na cultura portuguesa: a fundação, Alcácer-Quibir e a descolonização), elevado a símbolo e indicador de uma sociedade onde a integridade nacional é ceifada pela corrupção (inter)nacional, nele cintilando as estrelas de 2 amantes: Snu Abecassis, 'Princesa da Dinamarca' e personalidade da cultura, e Francisco Sá Carneiro, 'Príncipe' português e primeiro-ministro do país. *O último minuto* impõe-se numa tensão oximorística entre o tempo longo, o médio, o breve e o brevíssimo, suspendendo o *processo trágico* entre a miniaturização (o minuto), a brevidade (tempo da história amorosa), algum alongamento (ciclo da República) e o longo curso (ciclo da nacionalidade): os diversos pontos de vista implicados nessas diferentes distâncias e velocidades fazem o verbo oscilar, *imaginamente*, entre a *síntese* e a *amplificação*, na vertigem da *mise-en-abîme* que os relaciona. A *tragédia* é, pois, o *fantasma* embebendo a hermenêutica do caso, inscrita em qualquer dos pontos de vista (distâncias de observação), fundindo-os num mesmo pela *redundância*. Esse *ser* ou *vocação* (*Portugal – Ser e Representação*, 1998, *A Vocação Histórica de Portugal*, 2012) perscrutados, perseguidos pelo discurso de Miguel Real, é eminentemente trágico.

Na *máquina do mundo* de Miguel Real, a *gramática* de funcionamento é, pois, marcada por uma *sintaxe* que conjuga a *continuidade* (*metonímia*) da *enumeração* com o movimento *lateralizante* cindindo essa *linearidade*: a *particularização* (*sinedóquica* ou *simbólica*) e a *amplificação* ficcionalizadora. Entre ambos, o *voo da imaginação* oscila entre a elaboração ensaística e a efabulatória, mas sempre reforçando uma hermenêutica coesa da nossa nacionalidade. De acordo com as

leis da Física quântica: numa permanente reversibilidade, mas eminentemente compreensiva, onde a reflexividade é esclarecedora na representação das diversas faces do tema/problema/facto/personalidade. E tudo evolui para uma cúpula aberta, como nas grandes obras arquitectónicas, anelantes de infinito, circunscrevendo e ordenando nelas o finito.

Sarduy assinala 3 modalidades da *simulação* do real que o verbo persegue: a cópia, a anamorfose e o *trompe l'oeil*. A imitação aspirando ao rigor, a que inscreve o sujeito e o sinal de algo que excede a apresentação. E é na *consciência dessa simulação* que se insinuam o vazio e a morte, coincidência especular do ponto de fuga com o ponto de vista, bem mais fortes no caso do *trompe l'oeil* com um ponto de fuga, um eco virtual, através do qual se pressente a tragédia do real:

La mariposa convertida en hoje, el hombre convertido en mujer, pero también la anamorfosis, y el *trompe-l'oeil*, no copian, no se definen y justifican a partir de las proporciones verdaderas, sino que producen, utilizando la posición del observador, incluyéndolo en la impostura, la verosimilitud del modelo, se incorporan, como en un acto de depredación, su apariencia, lo simulan (Sarduy 1999, 1271).

Recordo e concludo com o eco do poema *O que tinha de ser* de Vinicius de Moraes (cfr. Moraes *apud* Elis Regina 1974), manuscrito ‘em papel de pétala de rosa’ e encontrado no bolsillo interior da carteira chamuscada de Snu, impondo, em ponto de fuga, o *lamento* de ocidental tradição, o *réquiem* por um país em *último minuto*<sup>8</sup>.

### 3. EUROPA em guerra...

Da velha *Arte da Guerra*, de Sun Tzu, e de Maquiavel, passando pelo debate da *guerra justa/ Bellum iustum/jus ad bellum* (de Cícero, Santo Agostinho, S. Tomás de Aquino e Hugo Grotius até Ron Paul e George Weigel) e pelas reflexões de Napoleão e Carl Von Clausewitz, Mao Tse-Toung e Charles Oman ou pela síntese das suas estratégias (Robert Greene), a Europa passou aos tratados de paz (pelo menos 16 entre o de de Brest-Litovsk, 1918, e o de Lausanne, 1923). Em 1919, assinou o de Versalhes (1919), simbolicamente, na Galeria de Espelhos desse seu icónico Palácio. A convicção da paz reflectiu-se nesse espaço que evitava os salões ‘da guerra’ e ‘da paz’, com que o arquiteto Jules Hardouin-Mansart separou o ‘grande quarto do rei’ do ‘grande quarto da rainha’: os 357 espelhos (21 por cada um dos 17 arcos) observaram e replicaram o acontecimento. Entre reflexos e dourados.

Os séculos XX-XXI foram de profunda transformação de uma Europa imaginada princesa raptada por Zeus e por ele entronada para iniciar o ciclo imperial e viver outras experiências (itinerário sinalizado na ilustração cartográfica)

<sup>8</sup> *O Último Minuto na Vida de S.* é um texto de ficção com três ou quatro pontos de apoio na realidade portuguesa das décadas de 1960 e 1970 (cfr. Real 2007, 7).

até se confrontar com a perspectiva surpreendente da sua fractura pel' 'a cortina de ferro' (Churchill, 1946). Do mito às trincheiras das duas Guerras Mundiais e destas à Guerra Fria atravessada por icónico 007, até aos sonhos de paz e união abafando os fantasmas da morte e as profecias apocalípticas (Nostradamus, Baba Vanga, etc.).

Um século depois, em 24 de fevereiro de 2022, esquecida a Galeria de Espelhos, a Europa, qual Bela Adormecida, foi despertada desse *son(h) o de paz* pela invasão da Ucrânia pela Rússia. Putin usou a referência para descrever o (f)acto como violação dessa Bela Adormecida, uma das suas figuras<sup>9</sup>.

No horror da guerra espectacularizada nos écrans desde 24/2/2022, do genocídio rastreado por filmagens de telemóveis, o coração da Europa explode e o nuclear é um dos cenários do seu fim.

### 3.1 ...sem Flauta Mágica...<sup>10</sup>

A Retórica denuncia o quadro abrangente e a atitude e disposição das partes: de um lado, o Ocidente 'pede' (que Putin suspenda a guerra, retire o seu exército, dê uma oportunidade à paz...), sente 'indignação' e declara 'preocupação'; do outro, Putin 'ameaça', 'afirma', 'continua' e 'desafia', afirmando 'mal ter começado', 'nada de sério' ter feito ainda na Ucrânia arrasada. A fragilidade vs. a força: a desproporção Ucrânia vs. Rússia (segundo alguns militares, de 1 para 10)<sup>11</sup> parece, estranhamente, repercutir-se na que opõe o Ocidente à Rússia. O sentimento de impotência exprime-se, também, na sistemática afirmação de que a força é comandada pela loucura e, mesmo que ganhe a guerra militar, perderá em muitos planos. O *Monstro* foi engordando ao longo de um século<sup>12</sup> sem que

<sup>9</sup> «[E]nquanto falava com Macron, invocou uma piada russa sobre a violação da Bela Adormecida para explicar o que tencionava fazer à Ucrânia. Colocava-se gostosamente no papel do violador: 'Gostes ou não, minha beleza, vais ter de aturar tudo o que te faço' (em russo rima)» (Expresso equipa 2022).

<sup>10</sup> Esta reflexão está datada de 20/3/2022 (cfr. Rita 2022a).

<sup>11</sup> Cfr. Falardo 2022; Barbosa e Bronze 2022.

<sup>12</sup> Na lista "PAX RUSSA", com 'feitos' da Rússia que circula nas redes sociais e cuja verificação e heterogeneidade são irrelevantes, pois menciono-a como sinal de indignação colectiva, registam-se nos séc. XX e XXI, dentre muitos outros: Guerra Soviético-Ucraniana (1917-1921), deskulakização (Rússia Bolchevique e União Soviética, 1917-1933), Terror Vermelho (Rússia Bolchevique, 1918-1922), intervenção na Guerra Civil da Finlândia (1918), Guerras Russo-Lituana (1918-1919), da Independência da Estónia (1918-1920), da Independência da Letónia (1918-1920), Polaco-Russa (1919-1921), anexação da Íngria Finlandesa (1919-1920), invasão e ocupação do Azerbaijão (1920), da Arménia (1920), da Geórgia (1921), repressão da Karélia (1921-1922), Sistema do Gulag (1923-1961), coletivização forçada (URSS, 1927-1940), deportação dos Íngrios Finlandeses (União Soviética, 1929-1944), Holodomor (Ucrânia, 1932-1933), Grande Terror (União Soviética, 1936-1938), invasão e ocupação da Polónia (1939-1941), Guerra de Inverno (tentativa de invasão da Finlândia, 1939-1940), massacre de Katyn (União Soviética, 1940), pilhagem de artefactos culturais e infraestrutura industrial durante a ocupação soviética da Polónia e da Alemanha Oriental (1940-1947), ocupação da Bessarábia e Bucovina do Norte (1940-1941) e dos Países

ninguém o levasse a sério (Durão Barroso) ou o travasse, corporificando-se, por fim num homem talhado em pedra: Putin.

Na verdade, *sem tecto entre ruínas* (na expressão de Augusto Abelaira), Volodymyr Olexandrovytch Zelensky surgiu, afirmou-se e mantém-se como novo herói, infatigável na sua luta pela Ucrânia, afirmando que a «Ucrânia não vai ceder sequer “um centímetro” de território à Rússia» (cfr. Ribeiro et al. 2022), lavrando a ouro o seu lema: «Preciso de munições, não de uma boleia». Na odisseia da guerra, não precisa de Homero: conseguiu o feito de simbolizar a nação que defende e de conquistar a admiração mundial, a empatia dos povos. Na tragédia do enfrentamento da morte, entoa o lamento pelos seus: «A Ucrânia foi deixada sozinha na guerra contra a Rússia». No lirismo da vida, afirma o amor familiar junto a si. Diz que a Ucrânia não vai ceder sequer ‘um centímetro’ de território à Rússia.

Bastaria isso, esse herói que, a cada avistamento, confessa com naturalidade não saber se será o último, para nos fazer o *réquiem* por uma Europa impotente para salvar um povo do genocídio progressivo. Mas há mais: todos os que correm para essa nação debaixo de fogo, todos os que, corajosa, abnegadamente, simplesmente, se propõem morrer por ela numa lição ao mundo são uma legião de heróis. *AVE, CAESAR, MORITURI TE SALUTANT.*

Face a esta legião de heróis liderados por um super-herói surpreendente, toda a comunidade política internacional, do Ocidente à Rússia, parece estar muitos níveis abaixo, *apenas a gerir um genocídio*, por impotência e receio de uns, por loucura obstinada do outro: mesmo os corredores humanitários (não respeitados pelos invasores e ‘ardil’ repetindo o da Chechénia, como previsto) e as ajudas fraccionadas, face à inexorabilidade do esmagamento de um povo, não são

Bálticos (1940-1941), supressão da Insurgência da Tchetchénia (1940-1944), deportações forçadas da Bessarábia e Bucovina do Norte (1940-1951), Guerra da Continuação (Segunda Guerra Soviético-Finlandesa, 1941-1944), massacre dos prisioneiros de guerra pelo NKVD (União Soviética, 1941), deportação dos Gregos Pânticos (União Soviética, 1942-1949), dos Calmucos (União Soviética, 1943), dos Tártaros da Crimeia (União Soviética, 1944), dos Turcos Mesquécios (União Soviética, 1944) e dos Bálcaros (União Soviética, 1944), Operação Lentil (limpeza étnica da Tchetchénia e da Inguchétia, 1944), massacres de civis durante o cerco de Budapeste (Hungria, 1944-1945), ocupação da Roménia (1944-1958), campanha de violações de mulheres (Polónia e Alemanha, 1945), caça ao Homem de Augustów (Polónia, 1945), Bloqueio de Berlim (Alemanha Ocupada, 1948-1949), oposição ao Plano Marshall (1948-1951), massacres de 9/Março/1956 (Geórgia) e de Novocherkassk (Rússia Soviética, 1962), repressão dos Protestos de Poznan (Polónia, 1956), intervenções na Hungria (1956) e no Afeganistão (1979-1989), supressão dos Irmãos da Floresta (Países Bálticos, 1945–1956), repressão das Manifestações de Yerevan (Arménia, 1965), Operação Danúbio (Invasão da Checoslováquia, 1968), repressão dos Protestos de Dezembro (Polónia, 1970), da Sublevação da Lituânia (1972), dos Protestos de Junho (Polónia, 1976) e das Manifestações da Geórgia (1978), Lei Marcial na Polónia (1981-1983), tragédia de 9/4/1989 (Geórgia), Janeiro Negro (Azerbaijão, 1990), guerras da Tchetchénia (1994-1996 e 1999-2009), do Daguestão (1999), da Inguchétia (2007-2015), invasão da Geórgia e Ocupação da Ossétia do Sul e da Abecásia (2008), anexação da Crimeia (2014), intervenção em Donetsk e Lugansk (Ucrânia, 2014)... agora, em 2022, a Ucrânia.

mais do que *crônica de uma morte anunciada*. As destruições não têm equivalência nos pacotes de ajuda e, minuto a minuto, notícia a notícia, toca um sino por todos nós, no *réquiem pelo sonho de uma noite de verão*: o de um Mundo de Paz e de Fraternidade.

Como moldura e pano de fundo, a guerra entre a desinformação (Putin) e a informação (Ucrânia, media internacional no local, redes sociais) cenariza outras hipóteses (cfr. Bergengruen 2022a), multiplica o conflito. Pontos luminosos ocorrem emocionadamente nesse teatro de sombras: desde os rostos das crianças, os casos de pais que tentam acalmar os filhos com vídeos *tik-tok* ou com afirmação de que estão lá fora a ‘atirar aos pássaros’, até à mais insólita, como

Num vídeo que se tornou viral nas primeiras horas do conflito, uma mulher ucraniana repreende um soldado russo e dizendo-lhe que guarde sementes de girassol no bolso ‘para que pelo menos os girassóis cresçam quando todos vocês se deitarem aqui’ (Bergengruen 2022a, [s.p.]).

No pesadelo da vigília, algumas perguntas que nos dominam:

1. Como é possível que, face a um óbvio crime contra a humanidade, com genocídio dos que fogem e dos que ficam, independentemente da idade, género e estatuto civil, com destruição maciça e estratégia de ‘terra queimada’ visando que ninguém tenha *casa* para voltar, com risco de deflagrações em estações nucleares, a humanidade não se reúna para o travar, mas tão só para gerir o processo e mantê-lo nas suas fronteiras?
2. Como é possível que, anunciada a invasão pelos serviços de informação<sup>13</sup>, os políticos ocidentais responsáveis não tivessem preparado um plano de ‘bloqueio’ do ataque *just in case* para mais pronta e decisiva implementação? As sanções chegam em pacotes num ‘para já’ e/ou ‘por enquanto’ (até o bloqueio no SWIFT foi de 70%, apenas a sete bancos russos, exceptuando o maior banco russo, o Sberbank), sempre para aplicação adiante, constituindo, afinal, aviso a Putin e aos oligarcas permitindo-lhes tomar medidas para mino-

<sup>13</sup> Os primeiros avisos de que tal coisa poderia acontecer chegaram à Casa Branca em outubro por meio de reuniões secretas da equipe de segurança nacional. A confusão da retirada das tropas americanas do Afeganistão era muito recente, assim como o conflito decorrente do acordo militar sobre desenvolvimento de submarinos assinado com o Reino Unido e a Austrália sem informar os aliados europeus. Biden então tentou conter as suspeitas europeias e optou por compartilhar as descobertas de inteligência com seus parceiros do outro lado do Atlântico (a Alemanha e outros estados da UE que são altamente dependentes do gás russo pegaram as informações e agiram de acordo); e com a opinião pública depois. Depois disso, ele reforçou a quantidade de ajuda dos EUA à Ucrânia. [...] Em 28 de janeiro, funcionários do Pentágono alertaram que a Rússia tinha plena capacidade militar para invadir todo o país, com cerca de 130.000 soldados na fronteira ucraniana – um número inédito desde os dias da Guerra Fria. «Existem várias opções disponíveis para [Putin]», disse o secretário de Defesa Lloyd Austin. «Incluindo a tomada de cidades e territórios significativos» bem como “atos políticos provocativos como o reconhecimento de territórios separatistas» (cfr. Mars e Sánchez-Vallejo 2022; Faulconbridge 2022). E também avisam que Putin não fará senão potenciar o seu ataque, pois não consegue conceber uma derrota (cfr. Bergengruen 2022b).

rar os efeitos... Putin avança e mata massivamente, enquanto os ocidentais reúnem, debatem, deliberam, telefonam e se confrontam com a inamovível decisão de Putin e dos seus...

3. Na corrida contra o tempo de um povo que se tornou um exemplo de coragem e dignidade na sua luta pela sobrevivência, as previsões são, sistematicamente, de que Putin 'já não pode recuar' e de que 'tudo vai piorar ainda'. E o Ocidente pondera próximo pacote de agravamento das sanções... sucessivamente, até que deixe de existir povo ucraniano?...

Na Rússia, o povo manifesta-se contra a guerra e sofre as consequências disso com a prisão e/ou o desaparecimento: a ativista Elena Osipova, sobrevivente do cerco a Leningrado (II Guerra Mundial), é símbolo disso.

Todos os povos pagam a peso de ouro políticos que os representem, instâncias nacionais e internacionais, agências de informação garantindo informação atempada e forças armadas dissuasoras. A esperança é de que, concertadamente, evitem e/ou resolvam crises graves, enfrentem e vençam a Rainha da Noite (*Flauta Mágica*). Ora, neste caso, além dos antecedentes de Putin e da afirmação da sua estratégia de recomposição do bloco soviético, houve informação, mas os políticos e as instâncias internacionais foram lentos e ineficazes e a EU não tem estrutura defensiva eficaz para impor a paz. A quem cabe a responsabilidade? Que Nova Ordem Internacional? Para onde nos encaminha este *ponto de mutação* (Fritjof Capra)?

Coreografando a Europa bem mais *Lacrimosa* do que a dos velhos mapas, evocamos a *Melancholia* (Albrecht Dürer, 1514) europeia, o *Réquiem* (1791), de Mozart, e a carta de Rougemont aos Europeus (1970).

Será que alguma *Flauta Mágica* (Mozart, 1791) conseguirá reerguer-nos?

### 3.2 ... e com um 'sorriso enigmático'<sup>14</sup>

Et ce que nous voulons, c'est une union d'Etats libres, dégagés de toute servitude, sauf de la plus sainte, celle de l'amour de l'humanité, cet amour qui a pour symbole la paix.  
(Denis de Rougemont, Message aux Europeens)

Entre o touro e o leão. Assim termina Simon Jenkins a sua obra *A Short history of Europe. From Pericles to Putin* (2018), fundindo no possessivo o próprio historiador, a sua síntese e a Europa representada no ciclo que teve a sua 'álvora' no mar Egeu:

*My story began with a bull. It ends with a lion. Outside the gates of the Arsenal in Venice stands a marble beast, symbol of the city that once commanded Europe's greatest commercial empire. It was carved in the fourth century BC*

<sup>14</sup> Esta reflexão está datada de 15/6/2022. Cfr. Rita 2022b.

and looted from Piraeus in Greece by a seventeenth-century Venetian, Francesco Morosini, who also blew up the Parthenon. The lion sits on its haunches with strange characters scratched into its surface. For centuries they were a mystery, but they have recently been deciphered as eleventh-century Norse runes, by one 'Asmund' on the orders of 'Harold the Tall'. Harold was a Viking mercenary employed by the emperors of Constantinople.

The story of the Piraeus lion thus encircles Europe. It embraces the temples of Athens and the fjords of Scandinavia, the walls of Byzantium and the merchants of Venice. It bids us free ourselves from our own place in history and see the past as a distant land, one through which we must travel with eyes and minds open, free of preconception and hindsight but aware of the constant interconnectedness of events.

At the end of this journey, I see the themes I noted at the start as vivid as ever. Geography remains godparent to Europe's history (abertura do Epílogo, itálico e bold meu).

I have travelled the length and breadth of Europe. I have journeyed from Portugal's Algarve to the quaysides of St Petersburg, /.../ And I can sense the ghosts of the past, gazing down on them as from a Tiepolo ceiling. I see Augustus and Charlemagne, Charles V and Catherine the Great, Talleyrand and Bismarck, nodding in recognition of today's continent. But I hear them say to each other, 'How familiar—and how very fragile.' Then I glimpse the Piraeus lion, who has seen it all before, and he gives me an enigmatic smile (conclusão do Epílogo, Jenkins 2018).

Uma viagem entre dois PP: Péricles (461-429) e Putin (n. 1952). Ao espelho um do outro? Na *Oração Fúnebre de Péricles*, Tucídides atribui-lhe a afirmação «nós forçámos todos os mares e terras a serem estrada para a nossa ousadia, e em todo lugar, seja para o mal ou para o bem, deixámos monumentos imperecíveis atrás de nós» (*História da Guerra do Peloponeso*, II, 41). Na de Putin, teremos de assinalar que ele destruiu, sistematicamente, os monumentos ucranianos e os de outros povos que invadiu.

No 'sorriso enigmático' com que conclui a sua viagem histórica, solidarizando-se com Cícero, Jenkins funde o animal<sup>15</sup> e o humano (*Gioconda/Mona Lisa*, 1503), mas também o símbolo régio e o mistérico (a Esfinge egípcia que nos observa do outro lado do espelho das águas e a lendária grega vencida por Édipo), sobreimprimindo escultura, pintura, heráldica e esoterismo. E o enigma

<sup>15</sup> Na verdade, o leão de Pireu é um dos 4 (estátuas) que dominam o Arsenal de Veneza: em 1692, um sentado (o de Pireu) e outro deitado, espólios de guerra de Morosini, foram colocados ao lado do terraço, sendo o leão deitado oriundo da *strada Lepsina*, entre Atenas e Elêusis; o terceiro leão, também sentado, veio de Delos em 1716, após a resistência vitoriosa ao cerco turco à fortaleza de Corfu; o quarto leão, junto ao canal, resulta da montagem de duas esculturas de origem desconhecida. Quanto ao que simboliza Veneza, leão alado de bronze no topo de uma coluna na Piazzetta, junto à Praça de São Marcos, tem a sua origem perdida nas brumas da história (China, Índia, Etrúria, Assíria, Bácia, Império Sassânida ou, como os Cavalos de São Marcos, saqueados de Constantinopla em 1204?).

desse sorriso antigo anuncia a boca aberta de espanto e horror (*O Grito*, 1893, de Munch) com que o século XX se abre e que a penúltima imagem do livro, de Putin-czar (2018), fotografado de um nível inferior (técnica de Leni Riefens-tahl), coroado por 3 imensos lustres e aplaudido por duas alas de cortesãos, parece congelar numa entrada consagratória de novo ciclo.

O *Anjo da História* (Walter Benjamin a partir do *Angelus Novus*, 1920, de Paul Klee) de Simon Jenkins convoca, assim, Clio e as suas irmãs<sup>16</sup> num novo *Museion*, o da sua *Europa*, substituindo Apolo nas contradanças de roda (*Dança das Musas*, 1514-23, de Baldassare Peruzzi), acompanhadas pelo “coro grego” dos seus grandes intelectuais, como afirma na introdução da obra.

Avançando para a boca de cena, o oráculo da Sibila-Jenkins-*compère*, solidarizado com Cícero (v. Introdução) apenas comenta, por fim: «Parece que a Europa nunca aprende». Assim se explica que a narrativa oscile na tangencialidade dos diferentes modos discursivos, beirando a épica, a tragédia e a lírica, ode afectuosa, emocionada, de um seduzido europeu...

Mas regressemos ao *enigma* e observemos algumas perplexidades em que ele assenta agora, em 10 de Junho de 2022 (cada dia, hora ou minuto pode de-sactualizar as próximas observações).

Do lado do invasor, «uma charada envolta num mistério dentro de um enigma» (Churchill, 1939), alguns indicadores:

- na sequência da visita a uma exposição dedicada ao 350.º aniversário de Pedro, o Grande, Putin proclama a sua identificação com o seu projecto expansionista e militar desse czar e com o mais alargado mapa da Rússia, depois de anos a declarar o colapso da União Soviética como «a maior catástrofe geopolítica do século» (25/4/2005), avançando com a anexação da Crimeia (2014) como o mais claro sinal de início de um ‘regresso ao futuro’ do grande império russo. Agora, desafia o Ocidente em bloco a «tentar vencê-lo na Ucrânia» (cfr. Diário de Notícias equipa 2022);
- o aliado de Vladimir Putin e antigo presidente da Rússia, Dmitry Medvedev, anunciou que o objetivo de Moscovo é construir, finalmente, «uma Eurásia aberta entre Lisboa e Vladivostok», concluindo com uma declaração generalizada de ódio a todos os críticos da Rússia de Putin (cfr. Fernandes 2017);
- na assumpção do projecto de genocídio do povo ucraniano «até ao último ucraniano» (cfr. Diário de Notícias equipa 2022), embebe-se o fantasma do já perpetrado Holodomor (1932-33). Na destruição geral, percebe-se o objetivo da ‘terra queimada’ aspirando a não deixar vestígios de quem a habitou, do ‘génio do lugar’;
- na deslocação de populações, processo estalinista, torna-se óbvia a estratégia de assimilação de ‘lotes’ de sobreviventes (nova escravatura).

<sup>16</sup> Calíope (Poesia Épica), Clio (História), Erato (Poesia Lírica), Euterpe (Música), Melpómene (Tragédia), Polímnia (Música Cerimonial), Tália (Comédia), Terpsicore (Dança) e Urânia (Astronomia e Astrologia).

Do lado do Ocidente:

- Angela Merkel, com 16 anos de liderança (Alemanha, Europa), confessou em entrevista de 8/6/2022, ter sempre tido conhecimento da vontade de Putin de ‘destruir a Europa’. Apesar disso e dos avisos sobre isso, entregou-a de bandeja ao poder russo através do projeto de gasoduto Nord Stream 2;
- os líderes ocidentais desfilam em visitas à Ucrânia, reafirmando a sua solidariedade e identificação com ela e o seu horror face ao que designam como ‘crimes contra a humanidade’, ‘crimes de guerra’, ‘genocídio’, etc., enquanto Zelensky ora-conferencia, sucessivamente, por inúmeros parlamentos dos seus visitantes. Apesar disso, esses mesmos líderes ocidentais aliados só fornecem armas *que não possam atingir a Rússia ou que a Ucrânia prometa não usar para isso*, mesmo que os alvos sejam os lugares de origem dos mísseis que os massacram.

No tabuleiro de xadrez assim desenhado, a invasão da Rússia continua e reforça-se, a destruição da Ucrânia expande-se e todos se sentem *congelados* por uma reiterada ameaça russa de ‘nuclearização’ e de ‘expansão’ da guerra.

Nas margens do cenário de guerra, fazem-se exercícios no Báltico, especula-se sobre a doença de Putin (o eterno recurso da impotência e da desresponsabilização face a todos os tiranos ao longo a história) e sobre a possibilidade da sua deposição ou assassinato, imaginam-se, à exaustão, as sanções à Rússia, mas evitando, quanto possível, prejuízos, multiplicam-se telefonemas a Putin cujo relato apenas consagra o que favorece quem os faz...

O ‘sorriso enigmático’ do leão, de Mona Lisa e de outros abre-se no interrogativo do absurdo:

- «Se /.../ Merkel sempre soube que a Rússia preparava uma guerra e que o objetivo do [Presidente russo, Vladimir] Putin é destruir a União Europeia, então por que construir o Nord Stream 2?» (Mikhaïlo Podoliak, conselheiro da Presidência da República ucraniana, no Twitter)?
- Reconhecendo o Ocidente a desumanidade da guerra em curso e acompanhando-a, diariamente, como pode enviar *apenas* o que não possa atingir o território de onde parte a agressão?
- Reafirmando os ‘crimes contra a humanidade’ da invasão e a sua defesa da vítima, como pode o ocidente desejar premiar o invasor com uma negociação que ‘não o humilhe’ e que seja lesiva do invadido e massacrado?

Como na tradição pictórica das alegorias<sup>17</sup>, parecem sair dois filactérios convulsos da boca aberta em espanto:

Se é verdade que a Rússia é o país com mais armamento nuclear, também parece óbvio que a NATO, no seu conjunto, tem muito mais (cfr. Coelho 2022; Malheiro 2022). Assim, porque não se inverte a chantagem antes que o Ocidente

<sup>17</sup> *O Triunfo das Virtudes* (ou *Minerva expulsa os Vícios do Jardim das Virtudes*, 1502), de Andrea Mantegna.

se divida por diferentes interesses, a Ucrânia deixe de existir e a Rússia avance como um Golem pela Europa fora: se ela, ameaça, for solidária e em uníssono, com as armas apontadas à Rússia?...

Se é verdade que a desproporção entre invadida e invasora é gigantesca, que não há dúvidas sobre quem está mal e age pior, com crimes contra a humanidade visando um genocídio, e se se reafirma o apoio total à vítima e a necessidade de que ela triunfe, por que razão o material bélico tarda, é insuficiente e chega a conta-gotas, obstando a uma resistência eficaz, a um planeamento adequado e ao rechaçamento do invasor?

As interrogações contrastam com a habitual moralidade sentenciosa que informa as inscrições da maioria dos filactérios. Bastaria lembrar, n' *O Triunfo das Virtudes* (ou *Minerva expulsa os Vícios do Jardim das Virtudes*, 1502), de Andrea Mantegna, o que envolve a *Árvore Antropomórfica* à esquerda, representando a ninfa Dafne (cuja recusa do amor de Apolo a transformou em *Árvore da Sabedoria*, um loureiro), filactério que apresenta a mensagem em latim, grego e hebraico: *AGITE PELLIE SEDIBVS NOSTRIS FOEDA HAEC VICIORVM COELITVS E NOSSO RE DEVN TIVM DIVAE COMMITTEES* (Sê divino companheiro das virtudes, tu que voltaste do céu, expulsa das nossas esferas os abomináveis vícios manifestados).

Ao longe, ouve-se a *Dança das Horas* (*Danza delle Ore*) ballet da ópera *La Gioconda* (1876), de Amilcare Ponchielli, baseada em *Ângelo, Tirano de Pádua*, de Victor Hugo, que Walt Disney convocou na sua *Fantasia* (filme, 1940). Observando-se no espelho das águas que Edward Burne-Jones ofereceu a *Vênus* (*O espelho de Vênus*, 1875), as Musas vertem-se n' *As Horas* (1882) do mesmo autor, animando-se e entregando-se à *Dança* do tempo (pintada por Nicolas Poussin em 1638 ou por Eliseu Visconti em 1908, no teto do Teatro Municipal do Rio de Janeiro)... afinal, arrastando a evocação da *Dance Me to the End Of Love* (1984), de Leonard Cohen, canção de amor e tragédia inspirada no holocausto<sup>18</sup>. Apenas o tempo responderá à pergunta dos filactérios contorcidos em arabesco numa Europa sem a *Flauta Mágica*...

<sup>18</sup> Cohen esclareceu a respeito numa entrevista de 1995: «*Dance me to your beauty with a burning violin*... it's curious how songs begin because the origin of the song, every song, has a kind of grain or seed that somebody hands you or the world hands you and that's why the process is so mysterious about writing a song. But that came from just hearing or reading or knowing that in the death camps, beside the crematoria, in certain of the death camps, a string quartet was pressed into performance while this horror was going on, those were the people whose fate was this horror also. And they would be playing classical music while their fellow prisoners were being killed and burnt. So, that music, '*Dance me to your beauty with a burning violin*,' meaning the beauty thereof being the consummation of life, the end of this existence and of the passionate element in that consummation. But, it is the same language that we use for surrender to the beloved, so that the song — it's not important that anybody knows the genesis of it, because if the language comes from that passionate resource, it will be able to embrace all passionate activity» (Cohen *apud* Showalter 2019).

## 4. No 'Monte das Maravilhas'

Le Mont-Saint-Michel, c'est d'abord une très belle histoire d'amour.

On y célèbre en effet les noces perpétuelles du Ciel et de la Terre, de la Terre et de la Mer, de la Mer et du Ciel. Et comme dans toutes les belles histoires d'amour, cela ne va pas sans violence, sans orage, sans souffle de vent, sans lumière derrière les brumes profondes qui se glissent entre monts et grandes grèves pour signifier que l'heure est venue d'accomplir de mystérieuses et silencieuses liturgies.

Le Mont-Saint-Michel est une étrange histoire d'amour, une très belle histoire d'amour au milieu des brumes qui envahissent le ciel, quand les ombres de la terre s'insinuent dans les rivières qui se perdent dans les sables, et quando éclatent, dans des triomphes tonitrueux, les orages qui rôdent sans cesse au-dessus de la statue de l'Archange de Lumière.

(Jean Markale)

If I could bribe them by a Rose I'd bring them every flower that grows From Amherst to Cashmere!

(Emily Dickinson)

Em 1987, Jean Markale abriu e concluiu com as frases em epígrafe a sua reflexão sobre o Mont Saint Michel (cfr. Markale 1987), o terceiro lugar da sua *Histoire de la France Secrète*. 'Monte das Maravilhas', como o designa. Evocatório do eterno combate entre o Arcanjo e o Dragão ou Satanás nos céus, como se pode ver na iluminura de Pol De Limbourg em *Les très riches heures du Duc de Berry* (séc. XV). Fazendo lembrar o nosso S. Jorge (versão do de Silene ou do romano...), santo padroeiro<sup>19</sup> invocado pelo Fundador e tornado grito de guerra (em vez do 'Por S. Tiago!') a partir de D. Afonso IV, devoção de Nuno Álvares Pereira e do rei Restaurador (D. João I), santo cujas relíquias repousam na igreja que lhe é dedicada na Madeira, Ilha Afortunada<sup>20</sup>.

Ocorre-me, irresistível, a afirmação de Denis de Rougemont em *O Amor e o Ocidente* (1978), segundo a qual haverá razões 'secretas' para vermos nas histórias e mitos de amor e morte uma espécie de definição da consciência ocidental.

<sup>19</sup> É santo padroeiro em várias partes do mundo tais como os seguintes países: Inglaterra, Geórgia, Lituânia, Sérvia, Montenegro e Etiópia, além de ser um padroeiro menor de Portugal; ao longo dessas três cidades: Londres, Barcelona, Génova, Régio da Calábria, Ferrara, Friburgo, Moscovo e Beirute. Na terra do mítico Prestes João (Etiópia), a principal igreja do complexo religioso de Lalibela (Nova Jerusalém) é-lhe dedicada.

<sup>20</sup> Em 2019, a igreja de São Jorge, Madeira, recebeu solenemente algumas relíquias de seu santo padroeiro por ocasião dos 504 anos da sua fundação.

A capela cimeira do Mont Saint Michel, sobre o lugar de Diana de Éfeso (onde se teria refugiado a Virgem Maria), a Artemísia grega (deusa solar dos Citas), deusa dos Começos na origem de tudo, está sob o signo de Nossa Senhora da Esperança, como Nerval sublinhou no poema *Artémis*. Os Druidas refundiram-lhe os cultos que ainda vibram na ilha encantada.

De acordo com a tradição lendária, a 'Linha Sacra de S. Miguel Arcanjo' que o monte sinaliza simboliza um golpe de espada do Arcanjo que enviou o Diabo para o inferno, vencendo a batalha entre os anjos fiéis e os rebeldes: no mapa, é uma linha recta entre a Irlanda e Israel alinhada com o poente no dia do solstício de verão no hemisfério Norte. Nela se sucedem, a intervalos regulares, os três principais santuários dedicados ao Arcanjo (a abadia do Mont Saint-Michel, entre a Normandia e a Bretanha; a Sacra di San Michele, no vale de Susa, Piemonte; o santuário de Monte Sant'Angelo, no Monte Gargano, na Apúlia), além de outros quatro<sup>21</sup>. Na sua origem, está parte de um roteiro para cruzados e peregrinos chamado '*Homo, Angelus, Deus*' (itinerário ascensional, de transformação), que incluía a visita aos túmulos dos apóstolos, em Roma e Santiago de Compostela (*Homo*), a San Michele Arcangelo, em Monte Sant'Angelo (*Angelus*) e, por fim, a Terra Santa (*Deus*).

Nessa cartografia patrimonial, insinua-se, pois, outra: a dos valores do bem, da paz e da fraternidade entre os homens, ideário caldeado por uma fantástica e conflituosa aventura pelos oceanos e suas ilhas afortunadas (Fernando Pessoa), em busca prometeica, graálica ou imperial, que fez a Europa conhecer(-se). Progressivamente, o sonho imperial, do poder, cedeu ao do afecto universal, que transita de textos sagrados (os Mandamentos) para os profanos (Declaração Universal dos Direitos Humanos). É esse o sonho da humanidade que a Europa protagonizou sempre, entre as lágrimas do seu rapto, a solidão do seu trono e a sua descendência: «de um ideal de civilização magnífico e profundamente humanista, enaltecido por filósofos e poetas e tornado realidade pelos corajosos e decisivos actos de todos os que lutaram por um mundo de verdade e justiça, contra a tirania do poder, da riqueza e da estupidéz», como se diz na apresentação d'*O Regresso da Princesa Europa* (Rob Riemen).

Em jeito de coro grego, as Sibilas pintadas por Miguel Ângelo na Capela Sistina entoaram o canto das profecias em múltiplas versões, com destaque para a da oficina do iluminador francês Jean Poyer (c. 1445-1504) no seu manuscrito *Sibyllae et prophetae de Christo Salvatore vaticinantes* (*As sibilas e os profetas anunciando Cristo, o Salvador*). O anúncio era de paz entre os homens.

Esse canto refracta-se no *Hino da Alegria/Ode à Alegria* (1785), poema de Friedrich Schiller tocado no quarto movimento da 9.ª sinfonia de Ludwig van

<sup>21</sup> Por ordem, os sete são: Skellig Michael ou Sceilig Mhichíl ('Rocha de Miguel' em gaélico), na Irlanda; St. Michael's Mount, na Inglaterra; Mont Saint-Michel, em França; Sacra di San Michele, em Itália; Santuário de San Angelo, no Monte Gargano, Mosteiro de Symi, na Grécia; e o Mosteiro Stella Maris do Monte Carmelo, em Haifa, Israel.

Beethoven, que é o hino da União Europeia, e na sua divisa (*'In varietate concordia'*, lembrando a construção da paz e da prosperidade, respeitando a diversidade cultural).

E esse anúncio parece ecoar na voz de David Sassoli. No último vídeo que publicou, com uma mensagem de Natal, formulou o desejo de construção de um «new world that respects people and nature, with an economy working for the well-being of all, not just the profits of a few» (cfr. Sassoli 2021; Sassoli 2022). Na sua última publicação na conta oficial do Twitter, David Sassoli, partilhou a ideia de que a moeda única é «um símbolo de paz e integração, a concretização de uma visão política e de um continente unido» (cfr. Jornal de Notícias equipa 2022; Comunidades Lusófonas equipa 2022). Assim, David Sassoli personificou a *Nobreza de Espírito*, esse *esquecido ideal* a que Rob Riemen dedicou um livro (2008).

Na despedida, acompanhou-o uma *rosa branca* oferecida por Ursula von der Leyen:

This flower, a white rose, meant a lot to David. As a young student in Rome, he led a youth group called '*La Rosa Bianca*', '*die Weiße Rose*', in memory of the brave young Germans who fought against the Nazis (Von der Leyen 2022).

Rosa que, na poesia se destaca das outras, como afirma John Boyle O'Reilly, identificando-a com a pomba, símbolo do Espírito Santo, mas também do amor humano nos Cantares de Salomão:

The red rose whispers of passion,  
And the white rose breathes of love;  
Oh, the red rose is a falcon,  
And the white rose is a dove (O'Reilly 1915).

Rosa que desejamos não seja *a última* (John Davidson):

'O WHICH is the last rose?'  
A blossom of no name.  
At midnight the snow came;  
At daybreak a vast rose,  
In darkness unfurl'd,  
O'er-petall'd the world.  
/.../  
The red rose of morn  
A white rose at noon turn'd;  
But at sunset reborn  
All red again soon burn'd.  
Then the pale rose of noonday  
Rebloom'd in the night,  
And spectrally white  
In the light  
Of the moon lay (Davidson [s.d.]).

Rosa, «candida rosa» (*Paradiso*, 31-v.1) que Dante encontra no Empíreo (Cantos XXX-XXXIII) do seu *Paraíso*...

No Romance popular *A Rainha e a Cativa* que Garrett recolheu, a Cativa baptiza a sua filha recém-nascida com os votos que aqui e agora tornos extensivos à Europa na sua orfandade por David Sassoli:

Filha minha da minha alma,  
Com que te baptizaria?  
As lágrimas de meus olhos  
Te sirvam de água bendita.  
Chamar-te-ei Branca Rosa,  
Branca-flor de Alexandria (Garrett 1997, 308).

By the beautiful last rose, The blossom of no name  
That came when the snow came,  
In darkness unfurl'd--  
The wonderful vast rose  
That fill'd all the world.  
(John Davidson)

If you want to understand, really understand the  
way things are in this world, you've got to die at  
least once.  
(Giorgio Bassani)

Depois de limpar as lágrimas choradas por tantos crimes cometidos em seu nome, a Europa assumirá de novo a batalha para que se torne realidade o seu sonho – uma civilização em que cada ser humano possa ser capaz de viver com dignidade e sentir orgulho em dizer: «Eu sou europeu!».  
(Rob Riemen)

In forma dunque di candida rosa.  
(Dante)

### Referências bibliográficas

- Barbosa, A., e Bronze, G. 2022. “Guerra entre Rússia e Ucrânia é marcada por assimetria militar entre os países.” *CNN Brasil*, 12 de março, 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/guerra-entre-russia-e-ucrania-e-marcada-por-assimetria-militar-entre-os-paises/> (11/22).
- Barkun, M. 2003. *A Culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America*. [s.l.]: University of California Press.
- Bataille, G. et al. 2017. *The Sacred Conspiracy: The Internal Papers of the Secret Society of Acéphale and Lectures to the College of Sociology*. London: Atlas Press.
- Benjamin, W. 1987. “Sobre o Conceito de História.” In *Obras Escolhidas*, vol. I, tradução S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense.

- Bergengruen, V. 2022a. “How Putin Is Losing at His Own Disinformation Game in Ukraine.” *Time*, 25 february, 2022. <<https://time.com/6151578/russia-disinformation-ukraine-social-media/>> (11/22).
- Bergengruen, V. 2022b. “U.S. Spy Chiefs Warn Putin May Escalate War.” *Time*, 8 March, 2022. <https://time.com/6155883/us-spy-chiefs-warn-putin-may-escalate-war/> (11/22).
- Bostock, J. 1855. *Pliny the Elder. The Natural History*. London: Taylor and Francis. <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D35%3Achapter%3D43>> (11/22).
- Castelo Branco, C. 1984. *Vinte Horas de Liteira*. Lisboa: Ulmeiro.
- Champaigne, P. de. 1640. “Triple portrait du Cardinal de Richelieu.” *National Gallery* <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/philippe-de-champaigne-and-studio-triple-portrait-of-cardinal-de-richelieu> (11/22).
- Coelho, M. I. 2022. “Guerra nuclear: A Rússia poderá destruir o planeta?” *PPLWare-Ciência*, 28 de fevereiro, 2022. <https://pplware.sapo.pt/ciencia/guerra-nuclear-a-russia-podera-destruir-o-planeta/> (11/22).
- Comunidades Lusófonas equipa. 2022. “20 anos do euro no seu bolso, a maior mudança de moeda na história.” *Comunidades Lusófonas*, 6 de janeiro, 2022. <https://comunidadeslusofonas.pt/20-anos-do-euro-no-seu-bolso-a-maior-mudanca-de-moeda-na-historia/> (11/22).
- Davidson, J. [s.d.]. “The Last Rose.” [http://famouspoetsandpoems.com/poets/john\\_davidson/poems/6271.html](http://famouspoetsandpoems.com/poets/john_davidson/poems/6271.html) (11/22).
- Diário de Notícias equipa. 2022. “Ucrânia: Putin desafia Ocidente a derrotar Rússia no campo de batalha ucraniano.” *Diário de Notícias*, 7 de julho, 2022. <https://www.dn.pt/internacional/ucrania-putin-desafia-ocidente-a-derrotar-russia-no-campo-de-batalha-ucraniano-15001671.html> (11/22).
- Dyck, A. van. 1635. “Charles I in Three Positions.” *Royal Collection* <https://www.rct.uk/collection/404420/charles-i-1600-1649> (11/22).
- Elis Regina, E. 1974. “O que tinha de ser.” YouTube vídeo. <https://www.youtube.com/watch?v=CEUCAr0eyi4> (11/22).
- Expresso equipa. 2022. “Guerra na Ucrânia. O que se passa na cabeça dele?”. *Expresso*, 5 de março, 2022. <https://expresso.pt/guerra-na-ucrania/2022-03-05-o-que-se-passa-na-cabeca-dele-> (11/22).
- Falardo, P. 2022. “Para ganhar uma guerra é preciso ter “6 soldados para 1”. A Rússia “aplicou 10-1”. Para quê?” *CNN Portugal*, 29 de junho, 2022. <https://cnnportugal.iol.pt/guerra/ucrania/para-ganhar-uma-guerra-e-preciso-ter-6-soldados-para-1-a-russia-aplicou-10-1-para-que/20220629/62bb3cbd0cf26256cd2b36f9> (11/22).
- Faulconbridge, G. 2022. “Britain’s spy chief claims intelligence scoop on Putin’s invasion of Ukraine.” *Reuters*, 25 February, 2022. <https://www.reuters.com/world/china/britains-spy-chief-claims-intelligence-win-putins-invasion-ukraine-2022-02-25/> (11/22).
- Fernandes, J. C. 2017. “Rússia: é possível decifrar este enigma?” *Observador*, 3 de dezembro, 2017. <https://observador.pt/especiais/russia-e-possivel-decifrar-este-enigma/> (11/22).
- Garrett, A. 1997. “Rainha e cativa.” In *Romanceiro de Almeida Garrett*, selecção, organização, introdução e notas de Maria Ema Tarracha Ferreira, pp. 306-309 Lisboa: Editora Ulisseia.
- Gumpp, J. R. 1646. “Self-portrait.” *Museo degli Uffizi – Collezione degli Autoritratti* (in riallestimento). [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Self-portrait\\_by\\_Johannes\\_Gumpp.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Self-portrait_by_Johannes_Gumpp.jpg) (11/22).

- Jenkins, S. 2018. *A Short history of Europe. From Pericles to Putin*. London: Viking.
- Jornal de Notícias equipa, 2022. “Morreu presidente do Parlamento Europeu, David Sassoli.” *Jornal de Notícias*, 11 de janeiro, 2022. <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/europa/detalhe/morreu-presidente-do-parlamento-europeu-david-sassoli> (11/22).
- Lotto, L. 1525/1535. “Ein Goldschmied in drei Ansichten/Triple Portrait of a Goldsmith.” *Kunsthistorisches Museum Wien*. <https://www.khm.at/objektdb/detail/1127/> (11/22).
- Löwy, M. 2013. “Le ‘Prince Esperance’ d’Ernst Bloch face au ‘principe responsabilité’.” *Revue Electronique Hypotheses*. [https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/203/files/2013/01/LOWY\\_Bloch.Jonas\\_.pdf](https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/203/files/2013/01/LOWY_Bloch.Jonas_.pdf) (11/22).
- Malheiro, J. 2022. “Armas nucleares. Quantas existem e quantos países as têm?” *Explicador*, 28 de fevereiro, 2022. <https://rr.sapo.pt/especial/mundo/2022/02/28/armas-nucleares-quantas-existem-e-quantos-paises-as-tem/274403/> (11/22).
- Markale, J. 1987. *Le Mont-Saint-Michel et l’énigme du dragon*. Paris: Éditeur France-Loisirs.
- Mars, A., e Sánchez-Vallejo, M. A. 2022. “US intelligence did not prevent Russia’s invasion of Ukraine, but it brought Western bloc together.” *El País*, 9 March, 2022. <https://english.elpais.com/international/2022-03-09/us-intelligence-did-not-prevent-russias-invasion-of-ukraine-but-it-brought-western-bloc-together.html> (11/22).
- Martins, G. d’O. 2008. “A vida dos livros.” *Centro Nacional de Cultura*. <https://www.cnc.pt/a-vida-dos-livros-31/> (11/22).
- Moura, V. G. 2013. *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS).
- O’Reilly, J. B. 1915. “A White Rose.” In *The Little Book of American Poets: 1787-1900*, edited by J. B. Rittenhouse. Cambridge: Riverside Press.
- Pessoa, F. [s.d.]. “Eros e Psique.” *Arquivo Pessoa*. <http://arquivopessoa.net/textos/4265> (11/22).
- Pol De Limbourg (século XV). “Les très riches heures du Duc de Berry”. In *Chateau de Chantilly* <https://les-tres-riches-heures.chateaudechantilly.fr/> (11/22).
- Real, M. 2007. *O Último Minuto na Vida de S. Matosinhos*: QuidNovi.
- Ribeiro, A.I. et al. 2022. “Kiev diz que «não vai ceder um centímetro» de território à Rússia.” *Público*, 10 de junho, 2022. <https://www.publico.pt/2022/06/10/mundo/noticia/guerra-ucrania-2009613> (11/22).
- Riemen, R. 2016. *O Regresso da Princesa Europa*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Rita, A. 2016. “Mensagem em moldura epocal.” In *100/Orpheu*, coord. D. V. Maior, A. Rita, 599-616. Viseu/Lisboa: Edições Esgotadas.
- Rita, A. 2019. *Sfumato. Figurações in Hoc Signo. Na senda da identidade nacional*. Lisboa: Edições Esgotadas.
- Rita, A. 2022a. “Europa, sem Flauta Mágica. Dos mitos ao horror.” *Economia e política*, 22 de março, 2022. <https://www.meer.com/pt/68912-europa-sem-flauta-magica> (11/22).
- Rita, A. 2022b. “Europa, um ‘sorriso enigmático’ entre o touro e o leão.” *Economia e política*, 17 de junho, 2022. <https://www.meer.com/pt/69946-europa-um-sorriso-enigmatico> (11/22).
- Rockwell, N. 1960. “Triple Self-Portrait.” <https://www.youtube.com/watch?v=ZeS-qxJNU27c>; <https://fineart.ha.com/itm/works-on-paper/norman-rockwell-american-1894-1978-study-for-triple-self-portrait-1960oil-on-photographic-pa>

- per-laid-on/a/5286-68139.s; <http://www.artnet.com/WebServices/images/ll00229lld8BuEFgneECfDrCWvaHBOccSEPTEMBERcc/norman-rockwell-study-for-triple-self-portrait.jpg> (11/22).
- Sarduy, S. 1999. *Obra Completa*. vol 2, edición crítica G. Guerrero y F. Wahl. Paris: Ediciones Unesco.
- Sassoli, D. 2021. "Holiday's greetings from the European Parliament." *European Parliament News*. <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/eu-affairs/20211216STO19606/holiday-s-greetings-from-the-european-parliament> (11/22).
- Sassoli, D. 2022. "EU parliament president David Sassoli's Christmas message, the last before his death – vídeo." *The Guardian*, 11 January, 2022. <https://www.theguardian.com/world/video/2022/jan/11/eu-parliament-president-david-sassolis-christmas-message-the-last-before-his-death-video> (11/22).
- Silva, J. C. e. 2017. "Miguel Real: «A nossa história é um sugadouro de mitos»." *Diário de Notícias*, 7 de maio, 2017. <https://www.dn.pt/artes/interior/miguel-real-a-nossa-historia-e-um-sugadouro-de-mitos—7582438.html> (11/22).
- Showalter, A. 2019. "Leonard Cohen: «Dance Me To The End Of Love» Arose From Photo Of Death Camp Musicians." <https://allanshowalter.com/2019/03/20/leonard-cohen-dance-me-to-the-end-of-love-arose-from-photo-of-death-camp-musicians/> (11/22).
- Tiziano. ca. 1550. "An Allegory of Prudence." *National Gallery* <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/titian-an-allegory-of-prudence> (11/22).
- von der Leyen, U. 2022. "Speech by President von der Leyen on the occasion of the memorial ceremony for President David Maria Sassoli." *European Commission*, 17 January, 2022. [https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech\\_22\\_392](https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/speech_22_392) (11/22).